



centro de
dramaturgia
contemporânea

TÍTULO

Cassandra de Balaclava

AUTOR

Jorge Louraço Figueira

ANO

2013

2015 Coimbra

OS TEXTOS DISPONIBILIZADOS PELO CENTRO DE DRAMATURGIA CONTEMPORÂNEA NÃO TÊM FINS COMERCIAIS. QUALQUER UTILIZAÇÃO PARCIAL OU TOTAL DO TEXTO, COM VISTA A UMA APRESENTAÇÃO PÚBLICA, COMERCIAL OU NÃO, DEVE OBRIGATORIAMENTE SER COMUNICADA AO AUTOR OU AO SEU REPRESENTANTE LEGAL. PARA ESTE EFEITO CONTACTE POR FAVOR O CENTRO DE DRAMATURGIA CONTEMPORÂNEA.

EDIÇÃO

Centro de Dramaturgia Contemporânea

www.uc.pt/org/centrodramaturgia

AUTOR

Jorge Loureiro Figueira

IDENTIDADE VISUAL / CONCEPÇÃO GRÁFICA

António Barros

Pedro Góis



centro de
dramaturgia
contemporânea

TÍTULO

Cassandra de Balaclava

AUTOR

Jorge Loureiro Figueira

ANO

2013

Este texto teve estreia em 2013,
no Espaço da Panmixia - CACE
Cultural do Porto. Direcção
de Nuno M. Cardoso.

2015 Coimbra



Jorge Loureiro Figueira

1973. É dramaturgo e escreveu *Cassandra de Balacava* (Cão Danado, 2013), *Teleganza* (Nova Europa, 2011), *Êxodos* (Folias, São Paulo, 2008), *Xmas qd Kiseres** (O Teatrão, 2002) e *O Espantalho Teso* (TNSJ, 2001); dirigiu *Conta-me Como É*, de Pedro Marques, Jorge Palinhos e Sandra Pinheiro (O Teatrão, 2014) e *Pequena História Trágico-Marítima* (TAGV, 2012); traduziu *Cidadania*, de Mark Ravenhill, *Senti um Vazio*, de Lucy Kirkwood, *Onde É que Esconderam as Respostas*, dos Third Angel, e *Ricardo III*, de Shakespeare; fez a Oficina de Escrita Teatral de A. Mercado no TNSJ, o Seminário Traverse Theatre nos Artistas Unidos, a Residência Internacional do Royal Court Theatre, e o Seminário de Escrita Teatral de J. S. Sinisterra no TNDM II; é doutorando em Estudos Artísticos na Universidade de Coimbra (bolseiro da FCT), dramaturgo residente d' O Teatrão (Coimbra), docente da ESMAE e crítico de teatro do jornal Público.

Uma mulher. Uma câmara de vídeo.

Vários sacos do banco alimentar. Um pequeno oratório. Uma cesta contendo algunsovelos de lã, duas agulhas de tricotar, um gorro passa-montanhas (ou balaclava), tesoura e cola, um álbum com recortes de jornal. Uma cartolina em branco. Um balde, uma esfregona, uma pá e uma vassoura.

-- E pronto, é aqui que dizemos adeus. Hoje é última vez, amigos. Está tudo bem empacotado, escondido na garagem do meu pai. As bonecas, os livros, as lembranças dos amigos embrulhadas em plástico-bolha. Adeus Lisboa, adeus Porto, adeus teatro, adeus. Adeus a todos os que me acompanharam tão de perto, tão longe, ao longo de todos estes anos... Vou sentir saudades do cheiro dos camarins.

Nem mais um casting para publicidade, nem mais uma entrevista de emprego, nem mais um almoço estragado com as más notícias.

Entrego-me à sorte, ao jogo dos homens, aos deuses pagãos, e segunda-feira começo um trabalho a sério, num país a sério, com oito horas diárias, salário, descontos, refeições, gorjetas.

Eu sei, eu sei, vocês querem dar-me o emprego, mas estão dispostos a pagá-lo?

Vou deixar de ser chata.

-- Rezei à Nossa Senhora de Fátima mas ela já tinha esgotado os milagres com o homem vestido de branco. O olho de Roma não descansa.

-- E pronto. Todos nos esquecemos dos sonhos umas horas depois de termos acordado.

Acordar.

Fazer-me à vida.

Emigrar.

A cidade está vazia.

As pessoas caminham tristes, subindo e descendo avenidas, com sacos de plástico vazios na mão.

As auto-estradas estão vazias.

Os teatros vazios.

As salas de interrogatório cheias.

Hoje quem anda na rua... Aqui na rua em frente só estão os rapazes e as raparigas que se fazem à vida.

Vou ter saudades de vir ao teatro.

Quando voltar aqui, isto será um bar, vai ficar muito bem, aproveitam-se as colunas, assim que a tinta começar a descascar, vão ver como fica. Já tem instalação elétrica, o licenciamento não há de ser uma dor de cabeça. Um parque de estacionamento, para os senhores do tribunal. Ou um chinês.

-- Mandaram o meu pai morrer ou matar. Ele foi e matou. Pendurou cabeças, e deixou cães roer corpos decepados. Foi um crime, mas não era maldade, era parte do espectáculo. A armada da aliança ficou ao largo. Foi obsceno. A vingança veio, os capitães morreram. Nem todos. Os que sobraram, vingaram-se de quem os mandara morrer e matar. Tiraram as terras aos senhores, deram-nas ao povo. Nem todas. Mas foi um crime. Era obsceno. Isto durou anos. Mas foi espectacular. A armada da aliança passou ao largo. A gente ficou em paz. A gente dedicou-se aos negócios. Foi um crime. Mas era o melhor. Era obsceno. Mas... povo, senhores, capitães, quem sabe dizer qual é qual? Todos fizeram o que podiam. Compraram e venderam automóveis. Fazia parte. Era um espectáculo. Construíram casas, praças, palácios, museus, estádios... um país espectacular, feito de rotundas, estradas, bancos, cafés, restaurantes. Fizeram isto uns à custa dos outros. Foi um crime. O povo vingou-se dos capitães. Rua com eles. Era um espectáculo. Os capitães vingaram-se do povo. Fora com ele, fora daqui! Obsceno. Espectáculo. A vingança veio.

Na forma de teatros.
Construíram teatros.
Teatros. Tudo era teatro.

As ruas, as casas, os campos, as estradas, tudo encaminhava para o teatro, tudo ia dar aos palcos, todos os caminhos vão dar à cena.

Hoje está tudo vazio.

Isso é que é um crime. Um crime cometido aqui... O sangue, o suor e as cinzas dos autores estão debaixo destas tábuas... Um crime cometido pela geração dos autores mais velhos. Pelos nossos pais. Os trabalhadores.

Desse crime nascerá a justiça, quando forem reclamados e reabertos os teatros para condenar os mais velhos – todos, sem excepção. Serão precisas muitas salas para condená-los. Serão condenados pelos representantes dos nossos filhos, mas não sem que se tenha constituído um conselho de juizes, constituído precisamente pelos nossos filhos, constituídos vários conselhos dos mais novos sentados onde vocês estão hoje.

O nosso país também é a sério. Já não se morre na guerra, longe de casa. Morre-se na viagem à terra, ou a caminho de casa. Os rapazes e os homens do nosso país são iguais à partida, todos têm direito a um caixão de aço cromado. Ou preferem outra cor?

Os concursos davam automóveis, o governo dava estradas. Era a república democrática popular, onde o filho do gasoleiro chegou a presidente assim que fez a rodagem do carro.

-- Não é isto que queriam ouvir, mas é isto que eu vou dizer lá fora.

-- Às vezes dá vontade que a época de incêndios seja oficial. Que o cigarro atirado pela janela do carro seja realmente de uma mão criminosa. Dá vontade de ir votar de regador na mão e regar as urnas de voto com gasolina para ver se nasce uma flor de pétalas a arder.

-- Eu vim aqui foi para dar a outra face, não foi para pedir vingança.

-- Trouxe um bolo de despedida, para acendermos as velas.

Acende as velas.

Fala para a câmara.

-- O amanhã é hoje.

Se estão a ver este vídeo é porque estou morta. Lá fora há um bando de zombies a tentar arrombar a porta e não são figurantes a trabalhar de borla. Danton, Marat, Robespierre, Sade, claro está, e Napoleão. Conheço-os bem. Entreguem este vídeo ao meu pai, por favor, ou a alguém da minha família –

Entrou algum? Conseguiram entrar? Vocês viram? Alguém filmou?

Silêncio.

Se estão a ver este vídeo é porque estou morta. Lá fora está um bando de admiradores – crentes, zombies, fanáticos. Atrás de mim. Entreguem este filme ao meu marido, por favor, ou a alguém da polícia que o conheça. Ao padre, ou alguém do convento.

-- «Dou-te a minha palavra de honra que a Polícia de Vigilância e Defesa do Estado não assassinará, não torturará», dizes

-- Eu sei, não fazes isso...

Quando os filhos dos nossos amigos tremerem das pernas sem poder dar um passo em frente, porque os espera uma salva de tiros, eu estarei a tremer das mãos, e a suturar as feridas, limpar o sangue, tapar os corpos, trocar os lençóis, puxar os cobertores de cada um deles, sem lhes trocar os nomes.

Incógnita, a filha do chefe de Estado, posando para a fotografia – como uma enfermeira qualquer. Dedicada a Deus.

-- «Valha-nos a Cruz Vermelha», dizes tu

-- Cristo redentor, porque me crucificas?

-- Vamos perder as batalhas - e a guerra.

A minha filha, a que teve duas parteiras, duas tias de alumínio, vai agradecer nunca ter chegado a nascer

Às vezes vejo a vida depois da guerra:
Ela é uma puta, alugada à hora, à beira da estrada.
Dá-se por pouca coisa,
um prato de comida, um casaco, e pronto.

Ou será antes da guerra?

Está sempre no quilómetro tal,
no começo do pinhal.
As noviças vão vê-la de vez em quando.
Faz parte dos votos.
Em silêncio.

Não se esquecem que foram meninas e quiseram ser princesas.
São princesas, à maneira delas.
Respeitam e admiram outras princesas.
Não falam do gozo que lhes dá.
São livres.

As noviças ajudam as putas porque são todas filhas da guerra

Deve ser depois da guerra
É depois de ela ter crescido

As putas ajudam as noviças a ouvir o silvo das bombas antes de ele chegar
Tal como eu te faço agora
Quando te pergunto se não ouves o cão a ladrar

A minha filha, a das duas parteiras, não ouve
Teve os tímpanos furados desde pequena, como o pai

O que ela ouve vem de outro lugar

Um dia, à tarde, à tardinha
Na estrada, sozinha, sem clientela
Já muitos anos depois
Quando a guerra for apenas uma lembrança vaga
Na vida dela

Ela lerá

Toda a vida dela é um caderno
Ela está a ler o que escreveu,
o que lhe foi soprado,
para não se esquecer das palavras

A noite em que começou a ouvir o diabo foi ensurdecadora

Ela procurou por toda a casa sem parar
Aquela voz...

Não é possível aquela voz não ter origem,
ela ouve-a mesmo por trás da orelha,
sente o bafo quente que humedece a nuca
e deixa a pele a tremer quando soa,
aquela garganta soa na garganta dela
gemendo ao ouvido dela
deixando gotas de suor ou saliva ou lágrimas
a escorrer espinha abaixo
garganta acima

-- «é água e sal», dizes
«é tudo igual»

-- Mas ela ouviu e procurou,
Aquela voz não veio da cabeça dela,
Tem de haver uma boca.

O diabo não vem contar o futuro.
Isso é para os tolos.
Para ver o futuro
Basta saber o passado.

-- Cristo que tome cuidado,
o perdão
só serve para dar de comer
aos camareiros dos carrascos

-- Ela dirá à noviça
Se soubesse o que sei hoje, nunca teria dado o corpo ao bispo de Roma

-- Não ouviste o cão a ladrar?

A raiva insinua-se,
pode ser detectada à distância,
muito antes,

—
pelo latido dos cães,
não é preciso esperar
nem ver a espuma a sair da boca
é só ouvir ladrar
os cães e os epiléticos reconhecem-se

-- «Não posso ensinar meio mundo a respirar
Não posso socorrer cada síndrome de pânico», dizes
«Isto vai cair a qualquer momento»

-- Ela profetiza a decadência da Europa
Uma profecia que só por ser dita
já se começa a concretizar

Calar-se na esperança que as torres fiquem de pé?
Não.

-- A república é como uma górgona
petrifica tudo à passagem
Helena foi apenas um pretexto
Nunca se dá a ver
Nunca aparece em público
Apenas um pretexto para a guerra
Quem pode dizer que é bela?

-- Um dia ela estará no mesmo quilómetro
a noviça virá a correr
fugindo, a correr
à frente de um animal selvagem
um touro mitológico
fugido de um matadouro sangrento
tal como elas

-- padre, pai, marido

-- É assim que eu vejo estas coisas,
como se alguém me soprasse ao ouvido
palavras estrangeiras

-- «Estás assim por causa do fim do mundo», dizes tu

-- Sim, o fim do mundo
todos os dias, devagarinho,
para não se notar

-- Tu querias rodar a vida como se fosse um filme

Nas tuas salas de interrogatório

Pensas que eu não sei o que fazem os teus homens?

Pois a minha filha vai ser puta
e um dia vais encontrá-la na estrada,
está sempre no quilómetro tal
e leva pouco, quase nada, apenas o suficiente,
um prato de comida, um casaco

a guerra acabou
dás um momento de folga aos teus homens
e a criança das duas parteiras
levará apenas o que for preciso
para comer

Esse será o teu país
Não o meu

Tu serás o homem promovido a deus
Eu serei a mulher-a-dias que trocava os móveis de lugar

Tu o general,
eu a princesa, a atriz, a enfermeira, a irmã
empregnada pelo presbítero
amada pelo pai
violentada pelo marido
a tua filha na rua

-- O cavalo de Tróia cheirava a homens
Como é que vocês não sentiram?
Estavam embriagados com o cheiro?

-- Às vezes vejo a vida depois da guerra
A minha filha no mato
E por isso ela não chegou a nascer

O carapuço da menina
fica para mim
estas duas parteiras
de fino alumínio
deram à luz
senão uma criança
pelo menos uma esperança

-- Tu escreves bilhetes,
notícias de jornal, palavras de ordem,

repetes expressões ouvidas ao acaso na rua
Elas bastam-se a si próprias
Um espectáculo
mas quando eu venho aqui abaixo não abres a boca
Diz qualquer coisa
qualquer coisa que me infurnize a vida
a sério
de verdade

-- Uma inquietação, um desassossego, sabes?

Por isso é que me vou embora.

Se eu fosse um cão
talvez me fosses mais fiel

Ou não
E é por isso que eu me vou embora

-- Não sei qual das tuas frases preferes que escreva aqui

Mostra a cartolina vazia.

É uma obra aberta

A personagem não termina a fala

Os jornais dirão: a jovem actriz, filha do capitão, fez a última saída de cena.

-- A minha geração viveu um milagre. A ama de leite foi a revolução. Bebemos toda a esperança do peito das mães. Os pais tinham sido libertados para sempre. Esse era o testemunho. Criámos corpo no país do possível. Éramos beijados na rua.

O testemunho era para passar. Mas começou o espectáculo. Os nossos filhos já não têm ideia. O mundo é feito de medo.

-- Queria agradecer ao encenador por me ter despertado tanto a sensibilidade durante os ensaios deste espectáculo. Ao estudar a história dos últimos cinquenta anos senti-me herdeira dos nossos compatriotas dos anos 30, 40 e 50. E das suas lutas, claro. Hoje sinto que pertenço a um país, que estou em comunhão com o universo. Pergunto-me o que diriam de nós os nossos antepassados, se pudessem adivinhar o futuro, quando soubessem que não tínhamos feito a vingança que eles pediram. E o que dirão de nós os vindouros, quanto souberem que demos a outra face?

Quando morrerá este mundo para dar à luz um outro? Olho para o céu descoberto e tento distinguir uma estrela de outra. São todas iguais. Como nos verão as estrelas? Saberão ver a diferença entre uma actriz, uma enfermeira, uma freira, uma dona de casa, uma esposa, uma filha, uma puta? Somos apenas poeira das estrelas. A terra que cobre o meu corpo não me é pesada. O ar que os meus contemporâneos respiram, e o espaço por cima da terra que me come, sim.

-- Há pouco, quando despejei o camarim, guardei os recortes que usava no espectáculo, imprensa da época, e as páginas dactilografadas pelos censores, parte do Boletim Diário de Registo e Justificação de Cortes da censura prévia.

Lê recortes.

Questões de ordem moral

31 de Agosto de 1935

O Século

Notícia sobre um suposto infanticídio em Casal de Comba. Corte total.

Primeiro de Janeiro

Notícia sobre uma tentativa de suicídio, cortada.

Notícia de que em França se suicidou um sapateiro, dito muito providente, pois antes de efectuar o seu tresloucado acto, pagou todas as despesas do funeral.

24 de Julho

Águeda

Notícia do suicídio de um mendigo em Macinhata do Vouga. Corte total.

O Século

Notícia de quem em Badajoz, uma mãe lançou 4 filhos ao rio Guadiana para os afogar, tentando depois suicidar-se. Corte total por sugestiva.

Jornal de Arganil

*Notícia de ter sido chamada perante as autoridades uma mulher acusada de ter engravidado por três vezes, sem que se lhe conheça qualquer filho.
Corte total.*

10 de Junho

Diário de Notícias

*Notícia de um infanticídio cometido em Briteiros
Corte total por sugestiva.*

Notícia do suicídio de um português no Brasil.

Hoje é um espectáculo. Na primeira página do Público chamou-me a atenção esta notícia:

Lê um recorte um pouco maior.

Encontrado corpo de pai de irmãs que estavam mortas num carro em Oeiras

Em parte porque me era apresentada como a continuação do episódio anterior:

A polícia procurava desde a manhã desta segunda-feira o pai das duas menores, encontrados mortas no interior de uma viatura.

Mostra a foto e lê a legenda para o público.

Corpos foram encontrados na zona do Jamor, Oeiras

Lê o resto da notícia, seleccionando as partes mais importantes, e saltando e murmurando as outras.

Duas irmãs, de 12 e 13 anos, foram encontradas mortas na noite deste domingo no interior de um carro, nas imediações da Faculdade de Motricidade Humana (FMH), Cruz Quebrada, Oeiras. O corpo do pai foi encontrado já esta segunda-feira, perto do local onde estava a viatura. A polícia suspeita que os menores tenham sido envenenados pelo pai mas as investigações ainda decorrem.

Fonte da PSP adiantou que “as crianças estavam no banco traseiro de um carro, tapadas com uma capa amarela”. “Não apresentavam ferimentos e no local havia bolos, o que pode dar a entender que foram envenenadas”, explicou a mesma fonte.

Nesta segunda-feira tiveram início as buscas com equipas cinotécnicas devido a suspeitas de que o corpo do pai das crianças podia estar também no local. O corpo acabou por ser encontrado ao final da manhã a pouca distância do veículo onde estavam as duas irmãs.

Cenas dos próximos capítulos:

As três vítimas vão agora ser autopsiadas para apurar as causas da morte.

Fonte da PSP acrescentou que a avó, quando foi ouvida pelas autoridades, disse que o pai das crianças tinha problemas de depressão. Além disso, pode estar em causa um problema de poder paternal dos menores. As duas irmãs moravam em Linda-a-Velha, concelho de Oeiras.

As autoridades policiais foram alertadas, cerca das 19h30 de domingo, por um segurança, que chamou a atenção para uma viatura que se encontrava nas imediações dos dormitórios da FMH desde sábado. A investigação passou para a Polícia Judiciária com a ajuda da PSP.

Obsceno. A pessoa não podia actuar. A actriz não podia ser pessoa. Era obsceno. Veio a vingança. O íntimo teve a desforra do público. A actriz é a pessoa, a personagem é a actriz. Virá a vingança. Será espectacular. A censura vingar-se do espectáculo. É obsceno.

Entrega a um espectador um balde, uma esfregona, uma pá e uma vassoura.

Quando atirarem para o poço da memória os corpos dos animais doentes a que hoje chamam governantes, e que decompostos serão iguais às ossadas de cães vadios, lembrem-se de mim. Vinguem-me com a vossa vingança. A sede de justiça dos deuses será satisfeita. Os homens, deuses novos, terão comprazimento na desdita.

Ouve-se o estrondo de uma porta arrombada, seguida de uma cacofonia de sons gravados, entre urros, ruídos, jingles televisivos e música militar.

A actriz sai de cena.

Lá fora há um bando de zombies. Vocês não ouvem?

FIM



centro de
dramaturgia
contemporânea